

# O ANTICRISTO E O PAPA NEGRO

PAULO MARCELO SOARES BRITO. Mestrando em filosofia na Universidade Estadual do Ceará (UECE)  
nsdunm@hotmail.com

**Resumo:** *O objetivo deste trabalho consiste em verificar a possibilidade de uma suposta filiação do ideário satanista laveyano que tem como principal repositória a obra *The Satanic Bible* e a filosofia nietzschiana. Pretendemos alcançar nosso objetivo através de uma apresentação do ideário satânico e em seguida colocá-lo vis-à-vis com a filosofia nietzschiana para ver se o primeiro encontra fundamento e sustentação na segunda.*

**Palavras-chave:** Nietzsche, LaVey, Satanismo.

## Introdução

A filosofia de Nietzsche já foi interpretada das formas mais diversas. Com o lançamento de seu primeiro livro, Nietzsche foi tido pelos círculos wagnerianos como uma espécie de ideólogo e evangelista da música wagneriana. Tal interpretação foi posteriormente negada pelo pensador, primeiro em ato, com o rompimento da amizade que existia entre ele e Wagner, e após certo tempo através de suas obras especificamente *O caso Wagner* e *Nietzsche contra*

*Wagner.*

Posteriormente, antissemitas europeus tentaram apropriar-se do pensamento nietzschiano para justificar seus preconceitos. Tal interpretação foi prontamente rechaçada pelo filósofo do martelo. Um exemplo emblemático da recusa de Nietzsche a este uso de sua filosofia é a carta de resposta dele a um proeminente partidário do antissemitismo; Theodor Fritsch.

Quando indagado por este sobre seu interesse em receber o jornal antissemita *Antisemitische Correspondenz* recebe uma extensa e enfática negativa de Nietzsche que tem como coroamento a pergunta pelo tipo de sentimento que toma o autor de *Zarathustra* quando escuta o nome de seu mais famoso personagem pronunciado pela boca de pessoas como ele. A resposta a tal pergunta será encontrada na correspondência póstuma de Nietzsche: “Esta canalha ousa pronunciar o nome de Zarathustra. Nojo! Nojo! Nojo!”<sup>1</sup>.

Lamentavelmente após seu colapso mental, sua irmã, Elisabeth Förster-Nietzsche, notória antissemita e pertencente ao partido nazista tomará o controle de sua obra e a deturpará para justificar o ideário de seu partido. Tal engano só será retificado muitos anos após a morte da mesma quando Mazzino Montinari e Giorgio Colli ganham acesso aos originais da obra de Nietzsche e iniciam um expurgo das deturpações perpetradas por Elisabeth juntamente com uma tradução da obra do filósofo do martelo para o italiano que resultará na criação de uma edição crítica posteriormente traduzida para francês, alemão e holandês.

O pensamento de Nietzsche propagar-se-á pelo mundo tanto através da edição crítica de Colli e Montinari quanto através de suas obras adulteradas. Disto surgirão novas e díspares interpretações. Nietzsche será tomado como um defensor do irracionalismo por uns, como fundador de seitas por outros. Partidos de direita e de esquerda o considerarão como defensor de suas ideologias.

Contudo, o objetivo deste artigo não é abordar estas influências e filiações mais conhecidas dos meios acadêmicos, mas apresentar uma outra filiação e outra influência discutível, pouco conhecida ou quem sabe totalmente desconhecida de tais meios. Nosso objetivo é apresentar e discutir a suposta influência de Nietzsche sobre um fenômeno especificamente norteamericano do século XX, o surgimento do “satanismo laveyano”. Tal filiação é apócrifa, não somente por originar-se fora dos meios acadêmicos, como também por ser inferida por indivíduos sem instrução filosófica formal.

Pretendemos realizar nosso objetivo inicialmente com uma apresentação biográfica do fundador da Igreja de Satã, Anton Szandor LaVey, denominado pela imprensa norte americana e por alguns de seus seguidores como o “Papa Negro” (*the Black Pope*). Tal apresentação será mais extensa do que o normal, porém achamos que tal procedimento se justifica uma vez que LaVey não é um personagem notório nos meios acadêmicos. Em seguida, faremos uma exposição resumida dos pontos principais do ideário satânico-laveyano. Por fim, faremos uma comparação entre tal ideário e o pensamento nietzschiano para verificar se realmente é possível falar em uma influência nietzschiana no satanismo laveyano.

<sup>1</sup> MONTINARI, Mazzino. Cadernos Nietzsche 7. São Paulo: Discurso, 1999. p.57.

## Biografia

No dia 30 de abril de 1966, Anton Szandor LaVey<sup>2</sup> (1930 – 1997) funda a Igreja de Satã (*Church of Satan*) na cidade de San Francisco, estado da Califórnia nos E.U.A. dando origem ao que ficaria conhecido como “satanismo laveyano”. Ainda que até o surgimento da Igreja de Satã, ao longo da história, outros grupos, movimentos e instituições tenham sido acusados de satanismo por terceiros ou mesmo insinuado um certo elemento diabólico em suas práticas, apenas com LaVey e sua igreja tal comportamento abandona seu caráter hermético-iniciático manifestando-se publicamente como uma igreja que como tantas outras promove batizados, casamentos e funerais, ainda que sob um outro prisma.

Nas palavras de seu fundador “Chamá-la de igreja permitiu-me seguir uma formula mágica de três quartos de ultraje com um quarto de respeitabilidade social necessários para o sucesso”.<sup>3</sup> Segundo LaVey, sua igreja surge e se diferencia das demais porque a

Adoração das coisas carnis produz prazer, então é desejável que exista um templo de gloriosa indulgência no qual as pessoas se divirtam. Todas as outras igrejas são lugares de abstinência com rituais que as pessoas desejam que terminem o mais rápido possível para que elas possam sair e voltar a aproveitar a vida.<sup>4</sup>

Antes de falarmos sobre as ideias defendidas por LaVey e da suposta influência do pensador alemão Friedrich Nietzsche sobre as mesmas, achamos necessário fazer uma pequena apresentação biográfica<sup>5</sup> do fundador da *Igreja de Satã* com a esperança de que tal apresentação talvez permita uma melhor compreensão sobre suas teses e as reais consequências que contribuíram para sua gênese.

Ressaltamos a palavra “talvez” no parágrafo anterior, pois não é certo que o conhecimento dos “fatos” sobre a vida de LaVey nos revele algo sobre sua “verdadeira” personalidade e como esta lhe levou às conclusões às quais chegou. Sua vida, assim como ele nos apresenta, seja diretamente em seu primeiro livro “A Bíblia de Satã” (*The Satanic Bible*) ou indiretamente através das palavras de seu amigo Burton H. Wolfe na introdução desse mesmo livro poderia ter sido a matéria de um romance, e talvez esta o seja realmente. Anton cuidadosamente teceu lendas a respeito de si mesmo e de suas origens fazendo-se por vezes parecer um personagem maior que a própria vida.

Sobre esse assunto, ele é bem enfático: “Sou um tremendo mentiroso. Na maior parte de

---

<sup>2</sup> Nascido Howard Stanton Levey.

<sup>3</sup> “calling it a church enabled me to follow the magic formula of nine parts outrage to one part social respectability that is needed for success”. SZANDOR LAVEY, Anton. *The Satanic Bible*. New York: Avon Books, 1969. p.11.

<sup>4</sup> “worship of fleshly things produces pleasure, there would then be a temple of glorious indulgence that would be fun for people. All the other churches are places of abstinence with services that people want to have over as soon as possible so they can get out and start enjoying life again”. *The Satanic Bible*. New York: Avon Books, 1969. p.11.

<sup>5</sup> Existem várias biografias sobre a vida de LaVey, dentre elas uma feita por sua última companheira Blanche Barton (*The Secret Life of a Satanist: The Authorized Biography of Anton LaVey*. Los Angeles: Feral House, 1990.) e seu amigo e jornalista Burton H. Wolfe (*The Devil's Avenger: A Biography of Anton Szandor LaVey*. New York: Pyramid Books, 1974.)

minha vida adulta fui acusado de ser um charlatão, um farsante, um impostor. Eu acho que isso me faz tão parecido com o diabo como o faria com qualquer outra pessoa. É verdade. Eu minto constante e incessantemente”.<sup>6</sup> Contudo faz questão de acrescentar de forma quase apologética “Minto sobre mim mesmo apenas quando sei que estou satisfazendo as expectativas alheias”.<sup>7</sup>

Segundo as informações fornecidas por LaVey, ele teria nascido em Chicago em 1930, filho de Michael Joseph Levey e Gertrude Augusta Coultron, sendo que posteriormente mudou-se com sua família para a Califórnia. Desde cedo apresentou aptidões musicais as quais foram estimuladas por seus pais. Dentre os instrumentos que experimentou acabou por desenvolver uma fascinação pelos instrumentos de teclas como pianos, sintetizadores e pelo Calliope (uma espécie de órgão a vapor).

LaVey afirma sempre ter se sentido diferente dos demais garotos, de acordo com ele, muitas das intuições que apareceriam posteriormente em suas obras teriam lhe ocorrido ainda na infância e pré-adolescência. Uma destas intuições seria a realização que teve aos 12 anos de idade em 1942 quando sua fascinação por soldados de brinquedo lhe levou à leitura de manuais militares os quais lhe revelaram que os equipamentos militares poderiam ser comprados como quaisquer outras mercadorias e posteriormente usados para a conquista de outros povos, tal revelação o fez concluir que a despeito do que era dito na bíblia, não seriam os fracos e humildes que herdariam a terra - mas os poderosos e bravos.

LaVey ao ingressar no equivalente ao ensino médio em seu país, descreve-se como uma estranha criança prodígio, porém seus objetos de estudo estão fora do currículo escolar comum, neste período LaVey estuda por conta própria música, metafísica e ocultismo. Anton afirma ter abandonado seu lar e a escola em seu penúltimo ano escolar para juntar-se a um circo, o *Clyde Beatty Circus*, onde ocupou a função de tratador de animais, uma de suas funções no circo era alimentar os leões e tigres. Percebendo que o jovem tratador não se intimidava com os animais, o domador e proprietário do circo *Clyde Beatty* fez de LaVey seu treinador assistente.

Devido à embriaguez do responsável pela música no circo, LaVey afirma ter assumido o lugar do mesmo na calliope e a partir deste momento passou a ocupar essa função oficialmente fornecendo o acompanhamento musical para várias atrações. Aos 18 anos, segundo LaVey, ele abandona o circo e ingressa em um parque de diversões itinerante, lá ele se torna assistente do mágico, aprende ilusionismo e aprofunda seus estudos sobre o ocultismo. Anton recorda que deve a esse período outro dos *insights* que o levariam a fundar a *Igreja de Satã* posteriormente:

No sábado à noite eu via homens olhando desejosamente para as garotas que dançavam seminuas no parque de diversões, e no domingo de manhã quando eu ia tocar órgão na tenda dos evangelistas que ficava do outro lado do parque via esses mesmos homens sentados nos bancos com suas mulheres e filhos

<sup>6</sup> “I’m one helluva liar. Most of my adult life, I’ve been accused of being a charlatan, a phony, an impostor. I guess that makes me about as close to what the Devil’s supposed to be, as anyone. It’s true. I lie constantly, incessantly”. SZANDOR LAVEY, Anton. *Satan Speaks!*. Venice: Feral House, 1998 p.32.

<sup>7</sup> “I only lie about myself when I know that I’m fulfilling another’s expectations”. SZANDOR LAVEY, Anton. *Satan Speaks!*. Venice: Feral House, 1998 p.32.

pedindo a Deus que os perdoassem e os livrassem de seus desejos carnis. Na noite do sábado seguinte eles estavam de volta ao parque ou em algum outro lugar de indulgência. Nesta época eu sabia que a igreja cristã prosperava na hipocrisia, e que a natureza carnal do homem sempre se manifestaria não importando quanto ela fosse expurgada ou flagelada por qualquer religião da luz branca.<sup>8</sup>

Aos 20 anos, em 1950, LaVey casa-se com Carole Lansing. Ele assevera que a vida de casado o levou a adotar uma vida mais sedentária e, por isso, ele abandona seu trabalho no parque de diversões itinerante e supostamente matricula-se no curso de criminologia da faculdade comunitária *City College of San Francisco*. Anton atesta que a escolha por este curso acabou conduzindo-o ao trabalho de Fotógrafo Criminalístico para o departamento de polícia de San Francisco. Tal profissão teve sua contribuição para as ideias de LaVey quanto deus e o papel do mesmo na vida humana, nas palavras de LaVey:

Vi o mais sangrento, o mais sujo lado da natureza humana [...] Pessoas alvejadas por malucos, esfaqueadas por amigos, criancinhas esmagadas nas sarjetas por motoristas que fugiram em seguida. Era nojento e deprimente. Eu me perguntava: “onde está Deus?” Acabei por detestar a atitude santarrona das pessoas sobre a violência repetindo sempre que se tratava da vontade de Deus<sup>9</sup>.

Em 1953, LaVey sustenta ter abandonado seu trabalho como fotógrafo criminalístico e passado a ganhar a vida com seu talento musical tocando órgão em diversos clubes noturnos. Paralelamente a esta atividade, ele continuava seus estudos de ocultismo e ministrava aulas semanais sobre magia cerimonial em sua casa. Gradualmente, dos participantes destas aulas, formou-se um grupo de indivíduos que LaVey chamou de *magic circle* (circulo mágico).

O principal objetivo da reunião deste grupo era realizar os rituais que LaVey supostamente teria criado ou descoberto. Anton assegura ter reunido uma extensa biblioteca que tratava da realização da *black mass* (missa negra) e de outros rituais pagãos realizados por várias ordens exotéricas. O principal objetivo dessas ordens, segundo Anton, seria ridicularizar a igreja católica e blasfemar contra esta para então entrar em contato com satã, visto por tais ordens como uma divindade antropomórfica que corresponderia ao inverso do deus cristão.

Para LaVey, satã possuía outra significação: este seria “uma sombria força oculta na natureza

<sup>8</sup> “On Saturday night I would see men lusting after half-naked girls dancing at the carnival, and on Sunday morning when I was playing the organ for tent-show evangelists at the other end of the carnival lot, I would see these same men sitting in the pews with their wives and children, asking God to forgive them and purge them of carnal desires. And the next Saturday night they’d be back at the carnival or some other place of indulgence. I knew then that the Christian Church thrives on hypocrisy, and that man’s carnal nature will out no matter how much it is purged or scourged by any white light religion”. SZANDOR LAVEY, Anton. *The Satanic Bible*. New York: Avon Books, 1969. p.9.

<sup>9</sup> “I saw the bloodiest, grimmest side of human nature [...] People shot by nuts, knifed by friends, little kids splattered in the gutter by hit and run drivers. It was disgusting and depressing. I asked myself: ‘Where is God?’ I came to detest the sanctimonious attitude of people toward violence, always saying it’s God’s will”. SZANDOR LAVEY, Anton. *The Satanic Bible*. New York: Avon Books, 1969. p.16.

que seria responsável pelo funcionamento de processos terrenos sobre os quais a ciência e a religião não teriam nenhuma explicação nem controle”<sup>10</sup>. A figura de satã será vista de forma mais detalhada posteriormente no texto, por enquanto apresentaremos apenas este pequeno *insight*.

No ano de 1966, a partir de um seleto grupo de participantes, o anteriormente citado *magic circle*, LaVey funda a *Igreja de Satã* declarando-se sumo sacerdote da mesma. Posteriormente, em 1969, publica o *The satanic bible (Bíblia de Satã)* seu primeiro livro e principal repositório da doutrina de sua igreja recém-fundada. Posteriormente ele publicará outros livros, “casará” novamente duas vezes e durante algum tempo receberá certa atenção da mídia. Sua popularidade junto a esta, após a controvérsia inicial da fundação da *Igreja de Satã*, oscilará conforme a avidez do público por temas satânicos. O “sacerdócio” de LaVey terá fim em 29 de outubro de 1997 quando este falecerá devido a um edema pulmonar.

## A ideologia satânica

Os princípios fundamentais da ideologia satânica criada por LaVey encontram-se reunidos em seu primeiro livro, *The Satanic Bible*, conforme seu autor, tal livro foi escrito porque era chegada a hora do pensamento satânico ser apresentado a partir de um “ponto de vista satânico” uma vez que “por um tempo demasiadamente longo os assuntos pertinentes à magia e à filosofia satânica têm sido escritos por jornalistas desvairados partidários do caminho da mão direita”<sup>11</sup>. Sempre consoante LaVey

aqui vocês encontrarão a verdade – e também fantasia. Uma é necessária a existência da outra; mas cada uma tem que ser conhecida por aquilo que é. Aquilo que vocês veem pode não lhes agradar; mas vocês verão! Aqui se encontra o pensamento satânico por um verdadeiro ponto de vista satânico.<sup>12</sup>

A Bíblia satânica encontra-se dividida em quatro livros; os quais são associados a um dos tradicionais elementos gregos (fogo, ar, terra e água) e a um nome demoníaco (Satã, Lúcifer, Belial e Leviatã) respectivamente. Trataremos apenas do segundo livro, o livro do ar, pois neste estão concentrados os principais conceitos da doutrina de LaVey.

No “livro do ar”, que também é o livro de Lúcifer, LaVey pretende fazer uma correção acerca de tudo o que até então foi dito sobre o adversário de deus, pois segundo LaVey essas informações não seriam confiáveis uma vez que foram escritas principalmente pelos sacerdotes e partidários do

<sup>10</sup> “a dark, hidden force in nature that was responsible for the workings of earthly affairs for which science and religion had no explanation and no control.”. SZANDOR LAVEY, Anton. *The Satanic Bible*. New York: Avon Books, 1969. p.10.

<sup>11</sup> “Far too long has the subject of Satanic magic and philosophy been written down by wild-eyed journalists of the right-hand path”. SZANDOR LAVEY, Anton. *The Satanic Bible*. New York: Avon Books, 1969. p.25.

<sup>12</sup> “Herein you will find truth - and fantasy. Each is necessary for the other to exist; but each must be recognized for what it is. What you see may not always please you; but you will see! Here is Satanic thought from a truly Satanic point of view”. SZANDOR LAVEY, Anton. *The Satanic Bible*. New York: Avon Books, 1969. p.25.

deus cristão.

Faz-se necessário que o lado oposto seja devidamente descrito por alguém que esteja ao lado de Lúcifer, no caso, o próprio LaVey. É proposital que o autor da Bíblia de Satã pretenda realizar esta tarefa especificamente neste livro, pois o elemento “ar” é tradicionalmente relacionado à “inteligência”, “consciência” e à “comunicação”. Além disso, LaVey identifica Lúcifer, um aspecto de Satã, como a “personificação do iluminismo”<sup>13</sup>, do esclarecimento, portanto nada mais natural que neste livro sejam esclarecidas as ficções criadas em torno do adversário de deus e da veneração deste.

A primeira asserção de Anton neste livro, a de não estar preocupado com a “verdade”, pois ao contrário daquilo que é continuamente afirmado, esta não traz libertação, a emancipação mental seria obtida somente através da “dúvida” e, sem esta, não se pode chegar à verdade. Para LaVey, a dúvida encontra-se completamente identificada com a figura de Satã e justamente por isso seus adversários o chamam de “pai das mentiras” num exemplo de inversão dos personagens.

A “verdade” identifica-se com divindade cristã, tal “verdade” é obtida através da “revelação” e garantida pela “fé” configurando-se como um “dogma”. Simplesmente duvidar da “verdade” revelada já significaria fazer uma opção pela “mentira”, pois como dito anteriormente, a divindade cristã e a verdade se identificam completamente. Porém, interroga LaVey, quem além de alguém que tem algo a esconder proporia como único critério de determinação da verdade a “fé” e faria da dúvida uma opção automática pela mentira?

LaVey declara que os pregadores da divindade cristã não apenas têm algo a esconder, mas segundo o mesmo, estes são mentirosos e promovem uma inversão epistemológica que coloca aquele que se identifica com o critério fundamental de descoberta da verdade como um mentiroso e faz daquele que esconde a verdade o verdadeiro em si. Ele assevera ainda que a importância da dúvida é tal que “sem o maravilhoso elemento da dúvida, a porta através da qual a verdade passaria se encontraria hermeticamente fechada, impenetrável aos mais vigorosos golpes de um milhar de Lucíferes”<sup>14</sup>.

Como tópico seguinte, Anton fala da posição dos satanistas quanto a Deus. Segundo ele, é um equívoco imaginar que os satanistas não acreditem em Deus. Contudo, Deus e seu papel no mundo são interpretados de outra forma pela Igreja de satã. Segundo esta, “o conceito de ‘Deus’, como interpretado pelo homem, tem sido tão variado ao longo das eras, que o satanista simplesmente aceita a definição que melhor lhe beneficie. O homem sempre criou seus deuses ao invés destes o criarem”<sup>15</sup>.

Segundo LaVey, “para o satanista, ‘deus’ – ou por qualquer nome que ele seja chamado ou por nome nenhum – é visto como o fator de equilíbrio na natureza, e não como um ser preocupado com o sofrimento”<sup>16</sup>. De acordo com esta definição, deus não seria uma entidade antropomórfica, mas uma

<sup>13</sup> “the personification of enlightenment”. SZANDOR LAVEY, Anton. The Satanic Bible. New York: Avon Books, 1969. p.34.

<sup>14</sup> Without the wonderful element of doubt, the doorway through which truth passes would be tightly shut, impervious to the most strenuous poundings of a thousand Lucifers. The Satanic Bible p. 34

<sup>15</sup> The concept of ‘God’, as interpreted by man, has been so varied throughout the ages, that the Satanist simply accepts the definition which suits him best. Man has always created his gods, rather than his gods creating him”. SZANDOR LAVEY, Anton. The Satanic Bible. New York: Avon Books, 1969. p.35.

<sup>16</sup> “To the Satanist ‘God’ – by whatever name he is called, or by no name at all - is seen as the balancing factor in nature, and not as being concerned with suffering”. SZANDOR LAVEY, Anton. The Satanic Bible. New York: Avon Books,

espécie de “constante” da natureza e esta seria indiferente tanto ao estado de felicidade ou miséria da humanidade como a um todo quanto aos indivíduos particulares que a compõem.

Admitindo esta interpretação, LaVey atesta que todo satanista reconhece apenas as intervenções humanas e o princípio de ação e reação do universo como relevantes nos acontecimentos diários. Tal constatação faz qualquer satanista concluir que, fora os fatores naturais que estão fora de seu controle, ele - e somente ele - é responsável por seu sucesso e fracasso. Este seria o motivo do desprezo dos satanistas por termos tais como “esperança” e “oração”; tais estados ou ações são considerados completamente ineficientes em um universo indiferente à humanidade.

Seguindo a mesma linha de raciocínio não existe qualquer benefício em pedir o perdão divino, pois como dito anteriormente, a existência humana é irrelevante na concepção satânica de deus. Desse modo, caso um satanista cometesse um erro e lamentasse tê-lo cometido, sua reação seria admitir que ao longo do tempo cometer erros é algo esperado e tomaria medidas para que isto não se repetisse, caso contrário ele apenas seguiria normalmente com sua vida, pois não haveria sentido em pedir perdão a uma entidade indiferente ou confessar tal erro a um dos supostos representantes de tal entidade.

Ainda sobre a questão de deus, LaVey faz uma análise da tendência humana em criar deuses, pois “ele [o homem] criou um sistema inteiro de deuses com nada mais que seu cérebro carnal”.<sup>17</sup> Por que o ser humano cria divindades? A resposta de Anton para esta pergunta sugere que tal fenômeno está ligado à dificuldade humana de lidar com seu próprio “ego”.

Tal problema, de acordo com LaVey, seria o de que os seres humanos têm um ego e não conseguem aceitar este fato. Deus ou os deuses seriam externalizações de tal “ego”. A humanidade anseia por realizar desejos que lhe são impossíveis, porém ao conceber seus deuses, ela cria seres capazes de realizar tais desejos. Nas palavras de LaVey, “deus pode fazer todas as coisas que são proibidas ao homem – tais como matar pessoas, realizar milagres para satisfazer sua vontade, controlar sem nenhuma responsabilidade aparente, etc”.<sup>18</sup>

Dentro da ótica de LaVey, se o homem necessita de tais divindades e as reconhece, a sua veneração é direcionada a uma entidade criada pelo próprio homem. Ao fazer isto, o homem acabaria por venerar aquele indivíduo particular ou grupo de indivíduos que criaram tais divindades. Assim, por que não levar o raciocínio até o fim: “não seria mais sensato venerar um deus que ele, ele mesmo, criou, de acordo com suas próprias necessidades emocionais – um que melhor representa o ser físico e carnal que teve a ideia-poder para inventar deus em primeiro lugar?”<sup>19</sup>

Consoante LaVey, os homens insistem em continuar externalizando seus egos e a se engajar

---

1969. p. 35.

<sup>17</sup> “He has created an entire system of gods with nothing more than his carnal brain”. SZANDOR LAVEY, Anton. *The Satanic Bible*. New York: Avon Books, 1969. p.37.

<sup>18</sup> “God can do all the things man is forbidden to do - such as kill people, perform miracles to gratify his will, control without any apparent responsibility, etc”. SZANDOR LAVEY, Anton. *The Satanic Bible*. New York: Avon Books, 1969. p.37.

<sup>19</sup> “Is it not more sensible to worship a god that he, himself, has created, in accordance with his own emotional needs – one that best represents the very carnal and physical being that has the idea-power to invent a god in the first place?” SZANDOR LAVEY, Anton. *The Satanic Bible*. New York: Avon Books, 1969. p.37.

com esta forma externalizada através de rituais e cerimônias religiosas. De acordo com Anton, os homens têm necessidade de dogmas e rituais. Contudo, tal necessidade não implica que estes dogmas e rituais sejam obrigatoriamente direcionados a esta forma ou formas externalizadas do ego chamadas de “deus” ou “deuses”. Quando o homem começa a tornar-se consciente de que sua é a mão que modela os deuses, então

“ele vê o demônio do orgulho adiantar-se rastejante – a própria corporificação de Lúcifer aparecendo em seu meio? Ele não pode mais ver-se como dividido em duas metades, uma carnal e uma espiritual, mas vê ambas tornando-se uma só, então para seu horror abismal, descobre que ambas eram tão somente carnis – E ASSIM SEMPRE FORAM! Então ou ele odeia a si mesmo até a morte, dia após dia – ou alegra-se por ser aquilo que é!”<sup>20</sup>

Caso o homem faça a opção por se regozijar por sua natureza, mas ainda assim reconheça que os rituais e dogmas de sua autofabricada religião foram eficazes ferramentas que sustentaram sua crença em mentiras, ele terá dado um passo em direção à conclusão de que estes mesmos métodos podem ser empregados para sustentar sua crença em uma “verdade”. Tal “verdade” seria a elevação e o reconhecimento de si como uma divindade. Para que venerar deuses criados por outros quando se pode criar um deus forjado por si mesmo, e por que este deus não pode ser forjado à imagem e semelhança de seu criador?

Desta forma os satanistas creem ter resolvido o problema da externalização de seus egos em divindades. Estes reconhecem todas as divindades como projeções do ego humano e a partir desta consciência optam por venerar seu próprio ego externalizado moldando-o conforme suas necessidades. Para a aceitação desta autoidolatria empregam as mesmas ferramentas usadas pelas religiões convencionais: os rituais e dogmas. No entanto, tais rituais e dogmas são empregados para reforçar e potencializar a crença em sua autoimagem divina e não para se subjugarem às imagens criadas por outrem.

Tendo esclarecido a questão divina, LaVey passa a analisar sua própria criação, ele interroga a si mesmo (e obviamente já tem prontas suas respostas) por que chamar o conjunto de seus pensamentos de “satanismo”? Por que a partir destes pensamentos fundar uma religião e instituir uma igreja? Conforme LaVey, não se deve a ele ou a seus seguidores a criação do termo “satanista”; a “honra” cabe a seus adversários, os adoradores do deus cristão e detratores do mundo e da sensualidade do corpo: “tornou-se necessário para o surgimento de uma nova religião que esta fosse baseada nos instintos naturais do homem. E ELES a nomearam. É chamada de satanismo”.<sup>21</sup>

Mas por que o surgimento de tal religião foi necessário? Sempre observando a ideia de LaVey,

<sup>20</sup> “he sees the demon of pride creeping forth - that very embodiment of Lucifer appearing in his midst? He no longer can view himself in two parts, the carnal and the spiritual, but sees them merge as one, and then to his abysmal horror, discovers that they are only the carnal - AND ALWAYS WERE! Then he either hates himself to death, day by day - or rejoices that he is what he is!” SZANDOR LAVEY, Anton. *The Satanic Bible*. New York: Avon Books, 1969. p.37.

<sup>21</sup> “it has become necessary for a NEW religion, based on man’s natural instincts, to come forth. THEY have named it. It is called Satanism” SZANDOR LAVEY, Anton. *The Satanic Bible*. New York: Avon Books, 1969. p.39.

isto é resultado dos próprios seguidores do deus cristão. Estes perceberam as mudanças do tempo e buscaram adequar-se às mesmas. Anton é taxativo em afirmar que os “líderes religiosos não mais pregam que todas as nossas ações naturais são pecaminosas. Nós não pensamos mais que o sexo é algo sujo – ou que ter orgulho de nós mesmos seja algo pecaminoso – ou mesmo que desejar aquilo que outra pessoa tenha seja algo perverso”<sup>22</sup>.

Não obstante, tal liberalidade teve seu preço: - as pessoas passaram a perceber uma ironia: abandonando seu discurso de condenação da sensualidade e a preocupação exclusiva com a preparação para o outro mundo, os líderes religiosos tornaram-se propagadores das mesmas ideias defendidas pelos satanistas.

Anton defende ainda que, com todos os ajustes que as várias vertentes cristãs tenham realizado em suas doutrinas para torná-las mais adaptadas aos tempos modernos, tal flexibilidade tem um limite, aquelas nunca poderão aceitar por inteiro a corporalidade humana e suas consequências. Da necessidade de superação deste limite, a *Igreja de Satã* adquire seu fundamento, pois de acordo com LaVey a aceitação e veneração desta corporalidade se constitui como objetivo e principal dogma de sua igreja.

Respondida a primeira pergunta, LaVey passa à seguinte: por que não chamar este conjunto de pensamentos por outro nome? Uma vez que ele defende a importância do homem, de suas inclinações e corporalidade, por que não o chamar de “humanismo”? A resposta a tal pergunta seria: “O humanismo não é uma religião. É uma simples forma de vida sem qualquer cerimonial ou dogma. O satanismo possui ambos cerimonial e dogma”<sup>23</sup>. A necessidade destes dois elementos foi explicada anteriormente no parágrafo acerca da egolatria satânica.

Em seguida, LaVey dá sua explicação quanto ao estabelecimento do satanismo como religião:

O homem moderno percorreu um longo caminho; ele se desencantou com os dogmas sem sentido das religiões antigas. [...] A psiquiatria tem feito grandes avanços em esclarecer o homem quanto à sua verdadeira personalidade. [...] Tudo isto é muito bom, MAS – existe uma falha neste novo estado da consciência. Uma coisa é aceitar algo intelectualmente, mas aceitar a mesma coisa emocionalmente é algo totalmente diferente.<sup>24</sup>

A psiquiatria, segundo LaVey, não pode satisfazer a necessidade de se comover através da prática ritualística. Ela não é capaz de fornecer ao homem fantasia e encantamento que intensificam a vida humana. Porém a *Igreja de Satã*, enquanto religião, é capaz de fornecer ao homem tais elementos

<sup>22</sup> “Religious leaders no longer preach that all our natural actions are sinful. We no longer think sex is dirty - or that taking pride in ourselves is shameful - or that wanting something someone else has is vicious.” SZANDOR LAVEY, Anton. *The Satanic Bible*. New York: Avon Books, 1969. p.38.

<sup>23</sup> “Humanism is not a religion. It is simply a way of life with no ceremony or dogma. Satanism has both ceremony and dogma”. SZANDOR LAVEY, Anton. *The Satanic Bible*. New York: Avon Books, 1969. p.40.

<sup>24</sup> “Modern man has come a long way; he has become disenchanted with the nonsensical dogmas of past religions. [...] Psychiatry has made great strides in enlightening man about his true personality. [...] This is all very well and good, BUT - there is one flaw in this new state of awareness. It is one thing to accept something intellectually, but to accept the same thing emotionally is an entirely different matter”. SZANDOR LAVEY, Anton. *The Satanic Bible*. New York: Avon Books, 1969. p.42.

através de seu cerimonial. E não somente isto, através de suas práticas ela permite ao indivíduo que não consegue livrar-se de suas culpas, mesmo após uma análise racional das mesmas, libertar-se destas através de manifestações emocionais proporcionadas pelo cerimonial satânico. De acordo com Anton, este é o motivo pelo qual o satanismo se configura como uma religião.

Terminada a análise de sua igreja, LaVey passa às questões concernentes à identidade de satã, às transações comerciais com este, à vida em sociedade e à vida *post-mortem*. Para Anton, Satã foi o melhor amigo da igreja cristã desde sua fundação, pois “sem um demônio para o qual possam apontar o dedo, os religiosos da mão direita não teriam nada com que ameaçar seus seguidores”.<sup>25</sup> Desta forma, com a imagem do demônio e a ameaça do inferno, as igrejas cristãs cresceram e prosperaram.

Segundo LaVey, satã é considerado uma entidade maligna pelo cristianismo em função daquilo que ele representa: uma “oposição a todas as religiões que servem ao propósito de frustrar e condenar o homem por seus instintos naturais”.<sup>26</sup> Satã é maligno por representar todos os aspectos terrestres, carnis e mundanos da vida, e não somente da vida humana.

As típicas características físicas atribuídas a satã: chifres e pés semelhantes aos de um bode originam-se, segundo LaVey, na imagem do deus grego Pã. Antes do cristianismo, o aspecto carnal da humanidade era presidido, ao menos no ocidente, por Pã - o qual também era associado a outros aspectos mundanos, tais como a fertilidade e a estação da primavera. Neste período, tal deus não possuía quaisquer conotações negativas. Porém

Sempre que uma nação para uma nova forma de governo, os heróis do passado tornam-se os vilões do presente. O mesmo se dá com a religião. Os primeiros cristãos acreditavam que as divindades pagãs eram demônios, e empregá-los era utilizar de “magia negra”. [...] Os velhos deuses não morreram, caíram no inferno e tornaram-se demônios.<sup>27</sup>

As práticas e os prazeres reverenciados da antiguidade tornaram-se condenáveis com o advento e supremacia do cristianismo, desta forma Pã com suas características animais e sua associação com a fertilidade foi facilmente ressignificado como o demônio semeador da luxúria. E o mesmo aconteceria com outras divindades que, posteriormente, com a vitória do cristianismo, passariam a ocupar a hierarquia infernal.

LaVey ressalta que várias destas divindades possuem aspectos animais; a condenação destas ao inferno aponta para a tentativa do homem de negar que ele mesmo é apenas mais um animal. Para o fundador da *Igreja de Satã* tal comportamento constitui mais uma prova da dificuldade do homem em lidar com seu próprio ego. Tal negação não é encontrada na doutrina satânica para qual

<sup>25</sup> Without a devil to point their fingers at, religionists of the right hand path would have nothing with which to threaten their followers”. SZANDOR LAVEY, Anton. *The Satanic Bible*. New York: Avon Books, 1969. p.43.

<sup>26</sup> “opposition to all religions which serve to frustrate and condemn man for his natural instincts”. SZANDOR LAVEY, Anton. *The Satanic Bible*. New York: Avon Books, 1969. p.43.

<sup>27</sup> Whenever a nation comes under a new form of government, the heroes of the past become villains of the present. So it is with religion. The earliest Christians believed that the Pagan deities were devils, and to employ them was to use “black magic”. [...] The old gods did not die, they fell into Hell and became devils. SZANDOR LAVEY, Anton. *The Satanic Bible*. New York: Avon Books, 1969. p.43.

“satã representa o homem tal como qualquer outro animal, às vezes melhor, na maioria das vezes pior do que aqueles que andam de quatro patas, que, devido a seu “divino desenvolvimento mental e espiritual”, tornou-se o mais perverso animal dentre todos!”<sup>28</sup>

Para LaVey e sua igreja; Satã possui outro significado, sua aparência é uma questão secundária, o fundamental é que

ele meramente representa uma força na natureza – os poderes sombrios que só foram nomeados assim porque nenhuma religião havia tirado estas forças de dentro das trevas. Nem a ciência foi capaz de aplicar sua terminologia técnica a tal força. [...] É a incessante necessidade de analisar que impede a maioria das pessoas de tirar vantagem desta multifacetada chave para o desconhecido – a qual os satanistas escolheram chamar de “Satã”.<sup>29</sup>

Para sua relação com esta força, afirma LaVey, os satanistas não têm necessidade de qualquer contrato que daria a tal força a posse da alma do satanista. Tal relação comercial seria uma fabricação cristã empregada para manter seus praticantes sob o domínio de sua ideologia, pois manter a alma a salvo dos prazeres da carne e dos fins mundanos é a garantia da salvação eterna.

Uma vida vivida conforme a inclinações naturais da humanidade atrairia a atenção do demônio o qual tentaria barganhar a alma do fiel em troca de maiores e melhores prazeres mundanos. Desta forma a possibilidade de perder a própria alma através da tentação de um contrato demoníaco funciona como um eficiente mecanismo de controle que obriga os praticantes da fé cristã a viver uma vida condizente com a ideologia cristã de ascese e preparação para a “verdadeira” vida *post-mortem*.

Os princípios que norteiam a vida social do satanista podem ser ilustrados através da quarta e quinta afirmações satânicas, respectivamente: “satã representa gentileza para aqueles que a merecem ao invés de amor desperdiçado com ingratos!”<sup>30</sup> e “satã representa a vingança ao invés do oferecimento da outra face!”<sup>31</sup>.

Para LaVey, a própria ideia do amor universal é ridícula, para o mesmo é impossível amar a humanidade igualmente e por inteiro. Além de impossível, tal condição é totalmente desaconselhável, pois traria fim ao senso de distinção do pretense praticante eliminando sua capacidade de julgamento de caráter. Outro argumento contra o amor universal seria a perda do próprio sentido do “amor”, pois, segundo LaVey o emprego leviano e excessivo de qualquer distinção torna tal distinção vazia de sentido: aquele que ama a todos por fim não ama a ninguém e seu amor universal nada significa. Por

<sup>28</sup> satan represents man as just another animal, sometimes better, more often worse than those that walk on all-fours, who, because of his “divine spiritual and intellectual development”, has become the most vicious animal of all! SZANDOR LAVEY, Anton. *The Satanic Bible*. New York: Avon Books, 1969. p.27.

<sup>29</sup> He merely represents a force in nature - the powers of darkness which have been named just that because no religion has taken these forces out of the darkness. Nor has science been able to apply technical terminology to this force. [...] It is this incessant need to analyze which prohibits most people from taking advantage of this many faceted key to the unknown – which the Satanist chooses to call “Satan”. SZANDOR LAVEY, Anton. *The Satanic Bible*. New York: Avon Books, 1969. p.47.

<sup>30</sup> kindness to those who deserve it instead of love wasted on ingrates! SZANDOR LAVEY, Anton. *The Satanic Bible*. New York: Avon Books, 1969. p.27.

<sup>31</sup> Satan represents vengeance, instead of turning the other cheek! SZANDOR LAVEY, Anton. *The Satanic Bible*. New York: Avon Books, 1969. p.27.

fim ele argumenta que sendo o “amor” uma das duas emoções mais intensas da qual a humanidade é capaz (a outra seria o “ódio”), sendo desta forma uma das maiores distinções que se pode fazer, forçar-se ao amor universal não só é antinatural como diminui a capacidade amorosa do indivíduo para com aqueles que realmente merecem tal sentimento.

Em função do que foi dito anteriormente, o satanista deve amar completamente aqueles que são dignos de seu amor, contudo, isto não significa de maneira nenhuma oferecer a outra face ao inimigo. Tal afirmação, dentro do ideário satanista, leva a uma conclusão: o inimigo nunca é um daqueles indivíduos dignos do amor do satanista. Para os inimigos, o satanista reserva o seu ódio. Tal sentimento e a manifestação desse sentimento, para o fundador da igreja de satã, não possuem sempre conotações negativas. LaVey afirma que a repressão do ódio pode levar a problemas físicos e psíquicos. Assim, ao descarregar seu ódio sobre aqueles que o merecem, o satanista não só se livra do acúmulo nocivo de tal emoção, mas evita descarregá-la sobre aqueles que não a merecem.

Segundo LaVey, o “amor” aos inimigos é uma característica comum das religiões hipócritas. Nestas, em tal sentimento se esconde a envergonhada esperança de punição dos seus contrários pelas forças divinas. Em tais religiões, descarrega-se, simbolicamente, o ódio enrustido ao inimigo orando por este. Anton termina suas considerações pelo tema concluindo que:

Satanismo tem sido pensado como sinônimo para crueldade e brutalidade. Porém tem sido assim apenas porque as pessoas temem encarar a verdade – e a verdade é que os seres humanos não são todos bons e amorosos. Apenas por que o satanista admite que é capaz tanto do amor como do ódio ele é considerado odioso. Ao contrário, por que ele é capaz de manifestar o seu ódio de maneira ritualizada ele é mais capaz de expressar seu amor – o mais profundo tipo de amor. Por reconhecer e admitir honestamente tanto o amor quanto o ódio que sente, não existe nenhuma confusão entre um sentimento e outro. Sem a capacidade para experimentar uma destas emoções, não se pode experimentar por inteiro a outra.<sup>32</sup>

Passando ao tema da vida *post-mortem*, LaVey afirma que uma das características que diferencia o homem dos outros animais é que aquele tem consciência de que um dia morrerá. Muito já foi falado sobre a serenidade com a qual os animais aceitam a morte, em tal comentário, geralmente, pode-se ouvir um tom de inveja. Tais comentaristas indiretamente sugerem que este também deveria ser o comportamento humano. O comentário em questão e a inveja velada que nele se encontram são resultado da forma como as várias religiões, especialmente a cristã, tratam a morte, “a morte [...] é pregada como o grande despertar espiritual – um despertar para qual nos preparamos pela vida

---

<sup>32</sup> Satanism has been thought of as being synonymous with cruelty and brutality. This is so only because people are afraid to face the truth - and the truth is that human beings are not all benign or all loving. Just because the Satanist admits he is capable of both love and hate, he is considered hateful. On the contrary, because he is able to give vent to his hatred through ritualized expression, he is far more capable of love - the deepest kind of love. By honestly recognizing and admitting to both the hate and the love he feels, there is no confusing one emotion with the other. Without being able to experience one of these emotions, you cannot fully experience the other. SZANDOR LAVEY, Anton. *The Satanic Bible*. New York: Avon Books, 1969. p.48.

inteira”<sup>33</sup>.

Segundo LaVey, estas concepções de “vida” e “morte”, a primeira como meio e a segunda como fim, são atraentes apenas para aqueles que não possuem os meios ou não são capazes de desfrutar a vida por inteiro. Contudo, para aqueles que são capazes tais concepções são inaceitáveis e, para estes, a morte apresenta-se como aterrorizante e tal percepção não apenas é aceitável, mas esperada de um satanista. LaVey afirma que para o satanista “a vida é a maior indulgência e a morte a maior abstinência”<sup>34</sup>, a vida seria como uma ótima festa, e ninguém gosta de abandonar uma ótima festa. Assim aqueles que têm as condições e os meios para tirar o máximo proveito da existência dificilmente optam por não fazê-lo visando alcançar uma suposta “vida verdadeira”, da qual nada sabem, que seria conquistada através da negação da vida presente.

Para LaVey, as religiões orientais que, em seu tempo, surgiam como “alternativas esclarecidas” ao obscurantismo das variadas denominações cristãs não se constituíam realmente como alternativas, nelas estavam presentes as mesmas concepções sobre “vida” e “morte”. Não obstante, as religiões orientais apresentavam como fundamental um componente que no cristianismo era secundário: o desprezo pelo ego e a busca de sua supressão pelo exercício. Segundo Anton, os fundamentos básicos das religiões orientais: desapego dos bens materiais e esvaziamento do ego e reencarnação, nada mais são do que excelentes ferramentas de domesticação e conformação do homem a um papel na vida que lhe foi predeterminado por outrem.

De acordo com LaVey, tal recusa do ego é impensável para o satanista, pois para este a completa gratificação do ego constitui-se como obrigação religiosa. LaVey chega a afirmar que o satanismo é a única religião que encoraja a potencialização e realização do próprio ego: “o satanismo encoraja seus membros a desenvolverem egos fortes porque isto dá aos mesmos o respeito próprio necessário para uma existência vital nesta vida presente”<sup>35</sup>. Além disso, um ego forte e realizado se configura como a garantia da continuidade da existência após o fim da vida carnal: “se uma pessoa viveu de forma intensa durante toda sua existência e lutou até o fim por sua existência terrena, seu ego se recusará a morrer mesmo após a morte do corpo material que o sustentava”<sup>36</sup>.

Em função de suas crenças quanto ao ego o auto sacrifício não é encorajado no satanismo, não há sentido em arriscar a existência por motivos impessoais e abstratos - tais como ideologias políticas ou religiosas; a única exceção aceita para esta regra são os casos extremos nos quais os entes mais queridos do satanista estejam em perigo. Pelas mesmas razões, o suicídio não é visto com bons olhos, porém, é aceitável sob certas condições: a incapacidade completa de desfrutar da vida, ou os casos extremos nos quais a morte é a única solução para se pôr fim ao sofrimento.

<sup>33</sup> Death [...] is touted as a great spiritual awakening - one which is prepared for throughout life. SZANDOR LAVEY, Anton. *The Satanic Bible*. New York: Avon Books, 1969. p.64.

<sup>34</sup> life is the one great indulgence; death the one great abstinence. SZANDOR LAVEY, Anton. *The Satanic Bible*. New York: Avon Books, 1969. SZANDOR LAVEY, Anton. *The Satanic Bible*. New York: Avon Books, 1969. p.64.

<sup>35</sup> Satanism encourages its members to develop a good strong ego because it gives them the self-respect necessary for a vital existence in this life. SZANDOR LAVEY, Anton. *The Satanic Bible*. New York: Avon Books, 1969. p.65.

<sup>36</sup> If a person has been vital throughout his life and has fought to the end for his earthly existence, it is this ego which will refuse to die, even after the expiration of the flesh which housed it. SZANDOR LAVEY, Anton. *The Satanic Bible*. New York: Avon Books, 1969. p.66.

## Conclusão

Partindo desta apresentação, concluímos que o pensamento satânico, mesmo não sendo cínico, no sentido grego e antigo desta palavra, dele se aproxima por sua valorização da dúvida.

Crê na existência divina e diabólica, porém concebe-as como forças naturais indiferentes à condição humana, portanto defende uma postura autossuficiente. Mesmo com sua concepção impessoal e diferente das forças divina e diabólica, ou melhor, justamente por esta concepção, o pensamento satânico admite a existência de um desejo humano de conectar-se a algo que lhe seja superior, no entanto, diagnostica tal desejo com a incapacidade da humanidade em lidar com o próprio ego. Tal dificuldade gerou todas as entidades superiores veneradas pela humanidade.

O pensamento satânico reconhece a naturalidade de tal desejo na humanidade, porém não reconhece sua validade, pois, como dito anteriormente, os princípios cósmicos fundamentais são indiferentes à condição humana. O que não significa que tal desejo não possa ser utilizado para outros fins. Tal fim, para o satanismo, constitui-se com a autodeificação através da veneração do próprio ego. Assim, cada satanista se constitui como seu próprio salvador.

O satanismo concebe a si mesmo como o resultado de um processo desencadeado pelas próprias forças que lhe eram adversárias, pois estas, não conseguindo dar conta dos anseios da humanidade moderna, descaracterizando-se ao ponto de não se distinguirem do próprio satanismo e com isto perderam todo o significado; desse modo, só o satanismo - por suas características próprias - ainda é capaz de fornecer o encantamento e sentido que potencializam a vida humana.

Como dito anteriormente, Satã é visto pelos laveyanos como uma força natural relacionada aos aspectos vitais mundanos e sua caracterização como força maligna é apenas mais um sintoma da inabilidade humana de relacionar-se com o próprio ego. Satã em sua vitalidade mundana despertaria ego humano de suas ilusões espirituais e lembraria aos homens que estes não passam de animais entre outros animais. Este é o motivo de sua caracterização maligna.

Em seus aspectos sociais, o satanismo é uma ideologia de retribuição e vingança. Toda gentileza é reconhecida e todo insulto é devolvido imediatamente, ou protelado, mas nunca perdoado, até a sua realização em um tempo conveniente ao satanista. Todo satanista se reconhece como indivíduo sujeito às motivações do amor e do ódio. Tais sentimentos não são vistos como autoexcludentes. Para o satanista, esta consciência o torna mais apto para evitar a confusão entre ambos os sentimentos e lhe permite um maior controle sobre os mesmos.

Para os satanistas, a vida só é digna se ser vivida quando a mesma é usufruída em todas as suas potencialidades e isto somente é possível através da mais plena realização do ego. Tal realização é a garantia de uma existência *post-mortem*, pois, de acordo com sua doutrina, o ego realizado sobrevive ao corpo material que o abrigava. Dessa maneira, ao contrário das outras religiões, a morte é superada através da potencialização da vida material e não pela negação da mesma. Por ter como principal dogma a realização dos impulsos naturais, o satanismo é visto por seus praticantes como

uma conquista da vida através da própria vida.

Estes são os princípios básicos do satanismo laveyano, a doutrina do Papa Negro. Na introdução do artigo afirmamos que faríamos uma comparação da mesma com o pensamento de Nietzsche para verificarmos uma possível influência. Pedimos desculpas, mas isto não será possível. A apresentação de LaVey e de sua doutrina ultrapassou os limites previstos. O que mais esperar de um artista circense acostumado ao picadeiro central? Alguém que está sempre disposto a roubar a cena, mesmo que seja o da atração principal. Não se poderia esperar nada diferente do defensor de uma doutrina cujo foco principal é o próprio ego e cujas únicas regras aceitáveis são aquelas que ele mesmo estabelece. Esperamos que os leitores deste artigo permitam uma remissão, oferecendo-lhes outro artigo no qual nossa promessa se cumprirá por inteiro.

## REFERÊNCIAS

MONTINARI, Mazzino. *Cadernos Nietzsche 7*, São Paulo: Discurso, 1999.

SZANDOR LAVEY, Anton. *Satan Speaks!*, Venice: Feral House, 1998.

\_\_\_\_\_. Anton. *The Satanic Bible*, New York: Avon Books, 1969.